

PAIVA, Odair da Cruz. *Caminhos cruzados. A migração para São Paulo e os dilemas da construção do Brasil moderno nos anos 1930/50*. Tese de doutoramento. Departamento de História FFLCH–USP, 2000.

SÃO PAULO MIGRANTE E IMIGRANTE

*Elaine Lourenço**

*Bacharel em História (PUC-SP), Mestre em Geografia Humana (USP), Professora e Coordenadora dos cursos de Estudos Sociais-História e Estudos Sociais-Geografia.

O trabalho do historiador deve apontar para um olhar sobre o presente e fazer emergir o passado que igualmente o constitui. (p. 257)

Esta frase, que encerra o texto de Odair da Cruz Paiva, está aqui colocada com o propósito de nos levar a refletir sobre o papel do historiador e sua produção científica, especialmente aquela que se relaciona com a elaboração de dissertações e teses. Estes textos, em geral, carregam consigo algumas questões que são suscitadas em nossa vivência cotidiana e que pouco a pouco vão sendo modeladas no correr dos dias, até se tornarem objeto de nossas reflexões no campo científico. Este percurso, muitas vezes, se desdobra em caminhos diversos daqueles que pensávamos percorrer, mas que se apresentam igualmente interessantes.

O trabalho do professor Paiva tem este caminho: é escrito a partir de suas indagações sobre os migrantes e

suas trajetórias em torno da construção da periferia da cidade de São Paulo e, sobretudo, em um plano mais geral, sobre os rumos da sociedade brasileira a partir de 1930.

É bem verdade que algumas questões levantadas pelo autor não encontraram resposta, especialmente pela ausência de documentação. Esta ausência é por si só reveladora porque pode nos indicar quais são os dados passíveis de ocultação nos documentos oficiais, que são uma das fontes com as quais trabalha o historiador. Cite-se, por exemplo, a falta de informações, em grande parte dos casos, nos relatórios dos técnicos da Secretaria da Agricultura sobre as condições de trabalho, de salário e de pagamento dos trabalhadores migrantes que eram contratados pelos fazendeiros paulistas. Para o autor, essas lacunas “demonstram uma presença em sua ausência” (p. 124), ou seja, é possível perceber que tais dados não

eram fundamentais para a Secretaria, o que evidencia sua postura relacionada à questão da contratação de mão-de-obra.

A hipótese levantada pelo autor é a de que a política migratória, realizada com subsídio oficial pela Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, possui duas faces que se complementam na constituição de uma modernização conservadora, trajetória da sociedade brasileira após 1930. De um lado, a perspectiva rural-rural mostra a inserção de trabalhadores tanto no setor de exportação, em particular o café, quanto no plantio do algodão, matéria-prima básica para as indústrias da cidade. A sazonalidade dos trabalhos agrícolas bem como a intensa mobilidade a que são submetidos os migrantes no interior do estado fizeram com que muitos viessem para a cidade, marcando a segunda fase do processo, o rural-urbano, que mostra a inserção dos trabalhadores nas fábricas e a remodelação da cidade com o objetivo de atender às novas demandas da industrialização.

Um caso típico de indústria estabelecida em São Paulo, no período considerado, é o da Companhia Nitro-Química, situada no bairro de São Miguel Paulista e inaugurada em 1940, com a presença de Getúlio Vargas. A escolha do local para a implantação da fábrica revelava uma mudança na estru-

turação da cidade com o deslocamento do setor industrial para a periferia. Esse processo é discutido e mapeado na primeira parte do texto de Paiva. Aliás, o termo mapeado coloca-se aqui de forma literal: há uma grande e louvável preocupação do autor em mostrar este processo na sua dimensão espacial, o que está materializado nos mapas inseridos em seu trabalho. A postura do pesquisador mostra que sua história é construída em um lugar determinado e que a visualização da dimensão espacial pode nos desvelar fatos que de outra forma passariam despercebidos.

A seriedade do pesquisador também fica evidente tanto na quantidade e na qualidade das fontes consultadas, grande parte inéditas, quanto na iconografia que apresenta. Trata-se de um trabalho incansável de 'garimpagem' que fez com que até os cemitérios não ficassem imunes à sua curiosidade intelectual. Em busca de dados que lhe pudessem fornecer um perfil mais detalhado da composição da mão-de-obra paulistana a partir dos anos 30, o autor fez levantamentos nos cemitérios do Brás e do Araçá, localizados nas áreas industriais da cidade, para tentar descobrir a origem desses trabalhadores. A conclusão possível foi a de que, entre 1929 e 1941, os óbitos de estrangeiros diminuam enquanto cresciam os de brasileiros,

tanto os que vinham de outros estados quanto os que provinham do interior de São Paulo.

Assim, seja na utilização deste tipo de fonte pouco usual seja nas entrevistas com trabalhadores, e mesmo se apoiando nas estatísticas oficiais que mostram o refluxo de trabalhadores imigrantes no período após 1930 – fato já verificado na década de 20 –, esta primeira parte nos mostra, com o exemplo da Companhia Nitro-Química, a construção de um novo patamar de industrialização no qual os trabalhadores nacionais passam a ser peça importante.

Há que se ressaltar que essa opção pelo trabalhador nacional migrante não foi vista com bons olhos por todos os setores sociais. O discurso construído para São Paulo era o de ser esta a terra dos imigrantes que tinham construído a pujança do estado. De outro lado, desde o fim do século passado gestava-se no Nordeste um discurso negativo sobre a região que a identificava como uma área pobre, assolada pela seca e sem condições de desenvolvimento próprio, necessitando da ajuda do Estado. É claro que, por trás dessa fala, estavam os interesses das elites locais de buscarem ajuda oficial. Porém este discurso extrapolou suas fronteiras e a representação daquela região passou a ser a de uma área com grandes problemas sociais, podendo,

por isso, ser fornecedora de mão-de-obra para o resto do país.

A reedição da política de subsídio à contratação de mão-de-obra para a lavoura paulista na década de 30 é discutida na segunda parte do trabalho, em que se analisa uma grande parte dos processos da Secretaria de Agricultura referentes aos pedidos de trabalhadores. É nesse momento que os migrantes nacionais, especialmente os nordestinos, passam a ser procurados pelos fazendeiros, ante o declínio da entrada de imigrantes.

A Secretaria da Agricultura passa a ser encarregada da arregimentação dos trabalhadores e utiliza-se da infra-estrutura criada para a chegada dos imigrantes, ao menos até a criação da Inspetoria dos Trabalhadores Migrantes, em 1939. Um papel importante é desempenhado neste momento pela Hospedaria dos Imigrantes, onde os migrantes passaram a ser recebidos e isolados do contato com a cidade de São Paulo.

Um dos pontos altos do trabalho é o da relação entre a São Paulo imigrante e a migrante, especialmente a nordestina. O autor se refere a este ponto diversas vezes, acentuando que o termo migrante só é utilizado para os nacionais após a década de 1950, o que demonstra que os paulistanos se atribuíam uma identidade própria, de acesso permitido exclusivamente aos es-

trangeiros. Esta pode ser uma chave para a compreensão do preconceito contra o nordestino em São Paulo.

As diferenças entre o mundo rural e o urbano e entre o Centro-Sul e o Nordeste, delineadas pelo processo histórico e pelo modelo de desenvolvimento escolhido, que privilegiou a industrialização do primeiro sem se preocupar com o segundo, também ficavam evidentes no contato que estes migrantes tinham com os funcionários da Hospedaria. O ritual de chegada incluía não só a identificação como também o exame médico, que poderia desclassificar os considerados inaptos para o trabalho na lavoura.

A terceira parte, que faz a junção das anteriores, mostra como o modelo de industrialização adotado conviveu muito bem com a política de subsídio para a mão-de-obra agrícola, uma vez que permitia não só o acesso à matéria-prima e à alimentação barata como também lhe enviava trabalhadores que

não encontravam lugar no campo.

Dessa forma, a sociedade não se alterou com a industrialização e tampouco os interesses dos agricultores deixaram de ser atendidos. O que houve foi uma reformulação que permitiu a integração do novo setor econômico, originado com o capital da cafeicultura, sem que a velha estrutura social fosse desintegrada.

A leitura do texto nos revela um pesquisador maduro e experiente, que se vem dedicando ao estudo da imigração e da migração há vários anos, inclusive como historiador do Memorial do Imigrante. A trajetória de Paiva também nos mostra um professor sério e dedicado, que atua no ensino superior há treze anos e, há dez, na Uninove.

A tese, defendida em abril na Universidade de São Paulo, foi aprovada com louvor e distinção, elogios que, sem dúvida, o autor merece.